

Divulgação



O brilho de um tratado antitrumpista



'Uma Batalha Após a Outra'
Ganhou em seis frentes:
Filme, Direção, Roteiro
Adaptado, Escalação de
Elenco, Montagem e Ator
Coadjuvante

'Uma Batalha Após a Outra' acumula seis premiações. Só não levou mais porque havia 'Pecadores', de Ryan Coogler, no caminho

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Eda natureza sistêmica do cinema haver épocas em que cineastas de quilate autoral dos mais altos, esnobados muitas vezes na entrega dos prêmios mais relevantes da indústria audiovisual, encontram uma noite de Oscar para chamar de sua, como foi o caso de Paul Thomas Anderson (PTA), em 15 de março de 2026. Em meio à ressaca brasileira pela derrota de "O Agente Secreto" em quatro frentes, numa estrada pavimentada por um histórico de vitórias invejável conquistado pelo pernambucano Kleber Mendonça Filho, o realizador do febril "Uma Batalha Após A Outra" ("One Battle After Another") levou, enfim, para cada uma láurea que já deveria ter ido para ele desde "Magnólia" (Urso de Ouro de 2000).

Bateu na trave da consagração muitas vezes, ainda que, a cada tentativa, tenha entregue às telas um longa-metragem magistral, a se destacar "Sangue Negro" ("There Will Be Blood", 2007). O artista californiano venceu agora, aos 55 anos, qual o inglês Christopher Nolan saiu vitorioso em 2024, com "Oppenheimer", ou seja, saiu levando tudo – o que pôde. Ganhou em seis frentes: Filme, Direção, Roteiro Adaptado (de autoria dele), Escalação de Elenco, Montagem e Ator Coadjuvante, dado a Sean Penn, que vem sendo parte de sua trupe desde "Licorice Pizza" (2021).

Não levou mais por haver "Pecadores" ("Sinners") em sua trajetória e este, de certa medida, também carregava um padrão similar: a coroação de Ryan Coogler como um dos grandes de nosso tempo já deveria ter vindo antes, em "Creed – Nascido Para Lutar" (2015) e "Pantera Negra" (2018). Demorou, mas ele e seu parceiro de criação mais fiel, Michael B. Jordan, foram oscarizados: Melhor Roteiro Original para o diretor e Melhor Ator para seu astro rei. A láurea de Melhor Fotografia dada a essa alegoria horrorífica sobre o racista, confiada à artesã da luz Autumn Durald Arkapaw, teve um peso redentor em meio às lutas feministas dos EUA, na briga pela equidade laboral de gêneros. É um indício a mais de que, em tempos de guerra, quando o espanhol Javier Bardem foi uma das poucas vozes a esgoelar um "Palestina livre!" no palco do Dolby Theatre, os dois longas de maior visibilidade entre os oscarizados do ano carregaram uma centelha geopolítico numa festa das mais irregulares e insossas.

Conan O'Brien começou bem à beça seu trabalho de apresentador, usando a mesma peruca com que Amy Madigan transformou a

figura da Tia Gladys, de "A Hora do Mal" ("Weapons"), numa das figuras mais aterrorizantes que o cinema já viu. Logo na sequência, após um número de ópera hilariante, ele ofuscou-se em piadas chochas. Quando Billy Crystal foi abrir o Tributo aos Mortos (que ignorou Silvio Tendler e Silvio Darrin), deu saudade dos tempos em que ele era o mestre de cerimônias da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood. Ainda assim, a coda do evento, pós-premiação, deu a Conan uns instantes de graça, numa hora em que o Brasil já estava de bode com tudo o que via.

Acreditava-se que a Neon, distribuidora de "O Agente Secreto" nos EUA, houvesse tocado em massa os miocórdios dos votantes com a esplendorosa engenharia narrativa de Kleber ao rever o Brasil da ditadura sob a ótica da "pirraça". O torvelinho prêmios prévios do filme (85 ao todo) parecia apontar algo tão imbatível quanto a vitória de "Ainda Estou Aqui", de Walter Salles, que venceu em março de 2025. Na hora h, de perda em perda, o anúncio de "Valor Sentimental" ("Affeksjonsverdi"), da Noruega,

como Melhor Filme Internacional, comprovou que a fortuna da América Latina em competições cinematográficas está sujeita a vetores com valor de X dos mais indecifráveis. Ainda assim, como consolação, venceu um filmaço.

"Uma Batalha Após A Outra" foi "O" ganhador por ser um tratado antitrumpista, uma reação do cinema dos EUA a um líder que opera na chave do ódio e fomenta conflitos bélicos a fim de alimentar a necessidade de "pão e de circo" de um povo (mal) educado por Bushes e Reagan. A percepção de que sua dramaturgia se move a partir da rebeldia de uma mulher preta, Perfidia Beverly Hills (Teyana Taylor), que trata homens com a mesma voracidade e o mesmo desdém com que as forças femininas costumam ser tratadas ao longo da História, dá ao longa de PTA uma carga politicamente poética. Há, ali, uma reflexão sobre racismo, encarnado no núcleo em volta do Coronel Steven J. Lockjaw (o ferrabrás encarnado por Sean Penn), relevante como a de "Pecadores", que consegue se singularizar ao trilhar vias ancestrais, na arte (o Blues) e na fé (o Candomblé), para expor a segre-